

AS LETRAS POR ENTRE AS GRADES: REPRESENTAÇÕES DA LEITURA EM “MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE”

KARINA LIMA SALES (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA).

Resumo

O texto se propõe a analisar um aspecto da obra *Memórias de um sobrevivente*, do ex-presidiário Luís Alberto Mendes, publicada em 2001, quando seu autor ainda vivenciava a condição de encarcerado, e refere-se a episódios de sua vida desde a sua infância até por volta dos seus trinta anos. A narrativa de Mendes não se detém tanto na exposição do crime e da ilegalidade e sim na descrição do processo de brutalização, da aprendizagem resultante das experiências do encarceramento. Durante o relato de Mendes, percebe-se que há uma descrição do seu processo de formação enquanto leitor. O livro constitui-se em um relato de aprendizado de leitura, que será analisado sob a ótica de um processo de autodidaxia, embasado em estudos de Jean-Claude Pompuognac (1997) e concebendo-se a leitura como prática cultural, segundo Bordieu e Chartier. Partindo da concepção de representação embasada em investigações da Psicologia social, pelos estudos de Serge Moscovici (2003), e da História cultural, por meio de investigações de Roger Chartier (1990), pretende-se delinear as representações da leitura perceptíveis na obra, apontando a leitura como modificadora de horizonte cultural, como prática compartilhada e possuidora de uma função redentora. As questões sobre leitura serão ainda pautadas em estudos de Eliana Yunes (2003), ao preconizar a leitura como uma condição de sobrevivência.

Palavras-chave:

Formação do leitor, Representações da leitura, Memórias de um sobrevivente.

REPRESENTAÇÕES DA LEITURA EM *MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE*

Este trabalho se propõe a analisar as representações da leitura em *Memórias de um sobrevivente*, do ex-presidiário Luís Alberto Mendes, sob a ótica da teoria das representações sociais, de Serge Moscovici (2003). Ao narrar suas memórias, Mendes fornece-nos o registro de uma vida que nos permite investigar as representações sociais da leitura decorrentes dessa narrativa, como uma maneira peculiar de compreender o mundo e comunicar-se. Segundo Moscovici (2003, p. 60), não é fácil transformar palavras não-familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. Para que se possa dar-lhes uma feição familiar, são colocados em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas, a *ancoragem*, que é o processo de classificar e dar nome a alguma coisa, ancorando ideias estranhas, reduzindo-as a categorias e imagens comuns, colocando-as em um contexto comum, e a *objetivação*, cujo propósito é "transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico" (MOSCOVICI, 2003, p. 61). Une-se, assim, o não-familiar à realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade.

Dessa forma, pretende-se analisar o modo como a atividade cognitiva do indivíduo Luís Alberto Mendes - cercado por palavras, ideias e imagens que penetram seus olhos, ouvidos e mentes, sem que possa controlar esse processo, como preconiza Moscovici - sofre a intervenção das representações sociais sobre o modo como conhece e representa a leitura. São delimitadas algumas das representações

possíveis para a leitura, a partir do narrado. Uma primeira representação é sua convencionalização como possibilitadora de prestígio social. Outra representação possível é o da leitura como prática compartilhada e, por último, a representação da leitura como redentora.

A leitura e o prestígio social

Em *Memórias de um sobrevivente* fica latente, desde o início do relato, a condição social de origem do protagonista, criado em uma família economicamente desfavorecida, com um pai alcoólatra que não conseguia fixar-se por muito tempo em um emprego, gerando uma constante instabilidade financeira.

Apesar de quase analfabetos, o pai e a mãe do protagonista insistiam para que estudasse, embora ele não quisesse. A relação de Mendes com a escola era de ódio, expressamente registrado em algumas passagens: "Lembro da primeira professora, de régua em punho, exigindo disciplina. [...] Odiei escola, odiei professores" (MENDES, 2005, p. 13). Sua rápida passagem pela escola - uma vez

que a abandonou de vez quando cursava o segundo ano do antigo ginásio, por volta dos doze anos - foi apenas em decorrência da insistência da família, provavelmente movida pelo desejo de não ver repetida no filho a condição de pouca escolarização dos pais. De acordo com Manguel:

Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada [...] A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros [...]. (MANGUEL, 2006, p. 89-90)

Em *Memórias de um sobrevivente* o ritual é consolidado, o filho de pais que não estudaram é introduzido na escola para que aprenda a ler, mas ao ato de ler não é atribuído um valor cultural. Não há, em passagem alguma do relato de Mendes sobre sua infância e adolescência, menção a leituras de textos escritos realizadas no seio familiar, apenas são referidas passagens de muito trabalho, muita miséria e pouco lazer. Embora não se possa negar que a leitura estivesse presente, essa não era a leitura de textos escritos, que, no caso de Mendes, ficavam circunscritos à escola, mas a leitura de mundo, como registra Manguel: "Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial" (MANGUEL, 2006, p. 20).

Mas, para esse estudo, analisa-se a leitura em uma acepção mais restrita, a leitura dos textos escritos, embora também relacionada a essa acepção mais ampla, ler o escrito pautado na leitura de mundo. Jean Foucambert afirma que "são as condições familiares que permitem tornar-se leitor" (1996, p. 26). Essas condições estão vinculadas ao *status* das classes privilegiadas, pois a leitura é produto de um *status* social. Valoriza-se e estimula-se a leitura porque pertencer ao universo dos leitores é ser valorizado socialmente. As condições familiares de Mendes não o fizeram estabelecer contato com a leitura em família, essa tarefa ficou parca e restrita à escola, já que essa experiência de leitura nos espaços escolares também não é destacada. A tomada de consciência do protagonista sobre as práticas de leitura só foi possível a partir da própria prática desenvolvida já no espaço do cárcere.

Quando se analisam as práticas leitoras de Mendes percebe-se que, para o protagonista, a leitura apresentou-se como uma possibilidade de mudança do horizonte cultural de origem, em que a leitura de textos escritos não se fazia presente, vinculando o conceito de leitura à cultura, como conhecimento acumulado, e quanto mais acumulação de conhecimento o narrador conseguisse, maiores seriam as suas chances de ser aceito pela sociedade além-muro. A leitura assume forte conotação social e, para Abreu (1999, p. 15) "a leitura não é uma prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder". Essa prática leitora protagonizada por Mendes assume esse caráter de campo de disputa, em que o que se almeja é uma posição privilegiada no espaço social externo à prisão, o que é explicitado tanto direta quanto indiretamente na narrativa.

Para Mendes, a ideia de ser bandido, ladrão e o ideal de crime e malandragem foram se afastando de seu foco de visão. O aprendizado resultante das leituras e a cultura que considerava estar adquirindo levavam-no a fazer uma releitura do mundo, para ele havia um lado "melhor", ao qual queria pertencer, embora ainda estivesse imbuído da cultura do crime, assimilada desde a infância.

Maria Rita Sigaud Palmeira (2007) teoriza que é perceptível em *Memórias de um sobrevivente* um olhar duplo, pois a narrativa é fruto da dupla experiência de Mendes na vida criminosa: uma é o fato de estar encarcerado, a outra o contato com a vida letrada. Por isso a escrita cambia entre dois mundos, entre dois códigos, o dos encarcerados e o dos homens livres. A adesão ao código da prisão pode ser comprovada com diversos acontecimentos lá ocorridos, como a aceitação, sob o ponto de vista do mundo do cárcere, dos crimes cometidos pelo amigo Carlão, a quem conheceu na cela-forte. Quando saem do regime de castigo, toma conhecimento antecipadamente de um crime que seria cometido por Carlão, que mataria um desafeto. Apesar de saber o que aconteceria, assim como outros presos, o narrador deixa claro que não se envolveu, não delatou o fato aos guardas, sequer quis testemunhar o crime que seria cometido, para não correr o risco de ser envolvido como testemunha, o que quebraria o rígido código de conduta seguido pelos presos, em que delator é visto como traidor.

Mendes não transforma o seu livro em espaço compartilhado pelos companheiros, como acontece em outras produções recentes oriundas do cárcere, não reproduz cartas trocadas, não há fotografias nem há a disponibilização do espaço para declarações dos amigos da prisão. O fato de não aderir a uma estratégia usada por outros escritores de narrativas do cárcere contemporâneas pode reforçar o seu desejo de tornar-se um autor, sob os valores culturais do mundo externo, além-grades. Mendes dirige-se a um público que possa alçá-lo à condição de escritor, necessita desse reconhecimento, o que explicita no "Epílogo": "Para ele [Fernando Bonassi, que apresenta a obra], eu já sou escritor. Eu ainda espero a publicação deste livro para me considerar como tal" (MENDES, 2001, p. 474).

Luís Alberto Mendes escreve situado dentro de um ambiente marginalizado, o espaço prisional, reflete sobre experiências que o levaram à criminalidade e as suas múltiplas passagens por instituições de encarceramento, mas o seu escrito não é simplesmente resultado de um desejo de colocar no papel suas memórias. O seu contato com a leitura promoveu intensas transformações no protagonista e despertou-lhe interesses, sendo o mais significativo deles estabelecer uma relação, através de sua escrita, com o mundo externo, considerado mais letrado por ele. Almeja tornar-se escritor e alcança o estatuto de autor, sempre destacando o largo conhecimento adquirido através das leituras, lista o vasto cânone literário lido, reforçando constantemente a sua importância. O que resulta de sua escrita é o fato de que ele é um escritor, contudo é um escritor que passou 34 anos na prisão, foi torturado, vilipendiado, humilhado e compartilhou os códigos do cárcere, mas buscou, por meio das leituras empreendidas, alcançar um prestígio social que a vida inteira lhe foi negado.

A leitura como prática compartilhada

O relato de Luís Alberto Mendes constitui-se em um relato de aprendizado, representativo de um processo de autodidaxia, segundo fases propostas por Pompougnac (1997): a fase da prática intensiva da leitura, que se configura em uma ruptura com o horizonte cultural de origem, seguida da fase da desaculturação, em que se desconstrói o sistema de representações e o universo cultural do leitor, e a fase da aculturação, com a aquisição de novos saberes e a construção de novas referências; por último, a fase da legitimização, na qual se certificam as leituras empreendidas e se marca a irreversibilidade da trajetória cultural. Além desse aspecto específico das fases do processo de autodidaxia, uma

característica latente da prática leitora que se desenvolve no espaço do cárcere, protagonizada pelo autor-narrador-protagonista das *Memórias de um sobrevivente*, é a questão de que a leitura, nessa obra, assume um caráter de prática compartilhada, formam-se *comunidades de leitura*.

Há que se considerar que essa prática de leitura pautada pela partilha dá-se em dois âmbitos, o primeiro é o da partilha entre os próprios presos, grupos de leitores excluídos do campo intelectual e que acabam por se constituir em criadores de novos códigos, se se analisa a fecunda produção oriunda do cárcere; o segundo âmbito concerne à busca da legitimação das leituras, através do aval de leitores mais experientes, tanto os leitores da própria prisão, representados, no caso de Mendes, pelos amigos Henrique e Franco, quanto os externos, cuja representante mais destacada é Eneida, com quem o protagonista estabelece uma farta e inquietante correspondência.

Em relação à leitura como prática compartilhada entre os presos, embora inicialmente realizada por leitores individuais, em seus espaços de reclusão, há uma organização desses leitores no intuito de partilharem os livros dentre os interessados, muitas vezes com estratégias perigosas, passíveis de duros castigos. Uma situação exemplificativa do perigo a que estavam submetidos refere-se à estratégia encontrada para continuar partilhando livros durante os três meses em que todos os presos ficaram trancados e sem visitas, em 1974, após serem barbaramente espancados, em represália ao assassinato de um guarda por um preso. Para conseguir passar o tempo, alguns presos lançavam-se à leitura, como Mendes, e se preocupavam ainda em partilhar obras com os companheiros de pavilhão: "Eu fazia milagres trocando livros à noite pela janela, com uma corda fina que chamávamos de Teresa. O risco era enorme" (MENDES, 2005, p. 454). As leituras, depois de realizadas, saíam do espaço individual e iam para o espaço coletivo, nas conversas sobre obras lidas. Com o estabelecimento de correspondências com pessoas externas à realidade prisional, possibilitou-se a Mendes uma ampliação da comunidade de leitores. O seu interesse precípua era exercitar por escrito o que aprendera em tantos livros lidos, bem como saciar a curiosidade de saber como eram as pessoas tidas como honestas, segundo o narrador. Dentre os vários correspondentes citados na obra, destaca-se Eneida, que assumiu grande importância em sua vida, era professora, cursava Letras e dava aulas de Inglês e Língua Portuguesa. Era apaixonada por literatura e uma amante dos livros, o que causou grande identificação com Mendes. Escreviam-se diariamente, e Eneida apresentou-lhe os universos da filosofia, antropologia, religião, pedagogia e literatura, nos quais estava imersa. Transformou Mendes em um companheiro de discussão de seus estudos mais profundos. As obras sugeridas por Eneida eram lidas por Mendes e discutidas com Henrique e Franco. Mais uma vez reforça-se a representação da leitura como prática compartilhada, mesclando-se os leitores da prisão com os leitores externos, alterando-se a constituição da comunidade de leitores. As obras lidas eram avidamente discutidas, no entanto, considerando-se o processo de autodidaxia de Mendes, este se colocava, nesse início de correspondência e troca de leituras com Eneida, Henrique e Franco, em posição inferior aos companheiros, que atuavam como certificadores das leituras do protagonista. Eneida colocava-se em uma posição de professora e orientadora, procurava analisar e criticar os pontos de vista de Mendes, quando não eram bem fundamentados, questionava os seus conceitos e ideias de revolta. De acordo com Luís, esse foi o período mais fértil de sua vida.

Para Sônia Régis Barreto (2005, p. 512) a leitura é o lugar de um sujeito complexo, que tanto pode ser autor quanto leitor, que se ensaia no texto. A leitura, que se constitui em forma e consciência do pensamento, força esse sujeito à ação da interpretação. Em suas leituras, Mendes passou por esse processo, interpelando o lido e interpelando-se, também em um processo coletivo, uma vez que essas

leituras eram partilhadas, tanto fisicamente, na troca dos livros para ampliação da comunidade de leitores, quanto intelectualmente, com o estabelecimento das discussões e questionamentos oriundos das leituras efetuadas. Essa leitura que se realiza em *Memórias de um sobrevivente*, - situada fora do âmbito social comum, uma vez que esse leitor que alça sua voz estava sob situação limite de sobrevivência, enclausurado - apresenta-se para esse leitor como uma possibilidade de participação social.

A leitura como salvação

Segundo Jovchelovitch (2008), os sujeitos sociais estão postos em espaços da alteridade, em um mundo de Outros. É nessa esfera pública que o sujeito precisa desenvolver sua identidade social, processo em que as representações sociais se fazem perceptíveis. Dessa forma, o sujeito social constrói, reconstrói e desconstrói sua identidade, no contato com os Outros. Na obra em análise, pode-se perceber esse aspecto na maneira ambivalente como o protagonista se nos apresenta, em virtude principalmente da sua relação com a leitura. Esta assume em *Memórias de um sobrevivente* um papel crucial. Dentre as representações aqui suscitadas é a representação da leitura como redentora a que mais fica latente no relato do autor-narrador-personagem Mendes, principalmente quando se observa a importância atribuída à mesma no processo de transformação do autor e o seu desligamento da vida bandida e de uma identidade criminosa, tão valorizada no pretérito.

Ao rememorar seu passado, revivendo as situações pelas quais passou, Luís Alberto Mendes relê a sua vida e reflete sobre a sua identidade, problematizando-a. Ao colocar-se como personagem de suas memórias, Mendes se nos apresenta de uma maneira dupla: o eu anterior, sobre o qual reflete, e o eu atual, que analisa o passado, diferenciando-os. Essa questão da diferenciação será uma constante na obra, tanto no que concerne ao seu envolvimento com a vida criminal, quanto ao seu relacionamento com a leitura, parece haver uma necessidade de Mendes de mostrar-se diferente dos outros, como algo necessário à constituição de sua(s) identidade(s). Isso pode ser percebido em diversas situações, por exemplo, quando o protagonista imerge na vida bandida, busca construir uma identidade criminosa, ser e parecer um bandido e, segundo o seu relato, para fortalecer essa nova identidade seria necessário alcançar o prestígio concedido ao malandro, ser o mais esperto, o criminoso diferente dos outros. Isso é perceptível já desde o relato de seu primeiro furto de envergadura, aos dez anos de idade, quando roubou um isqueiro em formato de arma da vitrine de uma relojoaria:

Já era respeitado na rua pelos outros garotos como um sujeito com quem não se podia mexer sem receber o troco. Criara essa imagem, cuidadosamente. Depois dessa façanha, o respeito cresceu enormemente. **E isso era tudo o que eu queria: ser famoso e temido. Tinha de ser o melhor em tudo.** Gostava quando os garotos ficavam falando de meus feitos, cheios de admiração, puxando o saco. Isso era mais importante que tudo, e faria o que fosse preciso para manter tal admiração. (MENDES, 2005, p. 23. Grifos nossos)

Por isso, a partir desse episódio, começou a elaborar roubos mais arriscados, desviava o dinheiro da mensalidade do colégio pago onde estudava, fugiu de casa ao ser descoberto, retornou, foi obrigado a começar a trabalhar, aos treze anos, como office boy. Ao realizar os serviços na cidade, sentia-se atraído por suas luzes, suas vitrines, por tudo aquilo que não podia ter. Era fã de Roberto Carlos e da moda da grife Calhambeque, lançada pelo cantor, mas não podia comprar as caras roupas. Era fã também do Bandido da Luz Vermelha, do Bando do Fusca e admirava os assaltantes de banco que começavam a surgir em São Paulo. Motivado por seus desejos de consumo, aplicou golpes no 1º emprego e foi demitido após ser descoberto e foi duramente castigado pelo pai, que o obrigou a procurar novo emprego. Seu novo emprego de office-boy em uma loja no centro da cidade colocava-o mais em contato com o seu objeto do desejo, a cidade e seus altos padrões de consumo. Em um dia em que o auxiliar de escritório deu-lhe uma vultosa quantia para depósito, não resistiu e fugiu para o Rio de Janeiro com o dinheiro da empresa, levando junto um amigo adolescente, após comprar todas as roupas que namorara nas vitrines por tanto tempo. No Rio de Janeiro, envolveram-se em aventuras amorosas, mas voltaram logo a São Paulo. Ficou pelo centro da cidade, onde se reencontrou com dois adolescentes já conhecidos e juntou-se a eles:

Ficaram admirando minha roupa e abriram um sorriso enorme quando abri a bolsa e lhes mostrei o monte de dinheiro que possuía. Conteí a façanha do roubo da loja, aumentando, é claro. Para eles, eu já era malandro (e esse era um título que eu queria muito), sujeito esperto a ser respeitado. Adorei o jeito reverente como me tratavam! [...] Queria me mostrar mais malandro ainda, aproveitando a oportunidade para formar minha nova identidade de vez. (MENDES, 2005, p. 49)

Esse fortalecimento da identidade criminoso prossegue por toda a sua vida, enquanto esteve envolvido com a criminalidade. Como bandido, não se considerava igual aos outros, mas um criminoso cuja força estava na astúcia e não na brutalidade. Sempre que cometia algum roubo, sentia uma necessidade de esbanjar o dinheiro adquirido, para que os outros bandidos vissem o seu poder: "Malandro tem essas necessidades. Precisa esnobar, desfilar com sua felicidade na cara dos outros malandros para que comentem, exaltem e reafirmem seu prestígio no meio" (MENDES, 2005, p. 255).

Na Penitenciária do Estado de São Paulo, durante os nove meses em que esteve sob o regime de castigo denominado cela-forte, entrou em contato com a leitura, através dos presos que também estavam sob o mesmo regime. Assim, a leitura começou a preencher um importante espaço de seu tempo, até que se tornou um leitor voraz, principalmente graças ao intermédio do companheiro de castigo Henrique, considerado pelo protagonista como uma espécie de mentor, e que o estimulou a ler cada vez mais, valorizando os livros e buscando conhecê-los. Quando Mendes saiu do regime de castigo, recebeu do amigo dois pacotes com pilhas de livros, cadernos com poesias e textos produzidos pelo amigo, papéis e canetas para que pudesse começar a escrever: "Olhei e namorei livro por livro, caderno por caderno. Aquilo era importante demais para mim. Eu iria construir **uma nova história de minha vida, doravante**. Uma história mais bonita" (MENDES, 2005, p. 443).

O trecho deixa perceptível a extrema capacidade de mudança atribuída à leitura. O narrador desejava mudar e acreditava que por meio da leitura pudesse alcançar o seu intento. Como já registrado no capítulo anterior, Mendes desenvolveu uma relação intensa com a leitura, tornou-se um leitor voraz e lia muito, o tempo inteiro. As relações criminosas já não o satisfaziam mais, segundo seu relato, pouco tinham a acrescentar a ele. Novamente o aspecto da diferenciação se torna uma constante, agora para marcar a diferença de interesses entre ele, com seu seletivo grupo de leitores na prisão, e os outros presos: "O submundo do crime começou a me parecer estreito, limitado, e eu não cabia mais só ali" (MENDES, 2005, p. 445). À medida que lia mais e mais, o narrador registra que sentia que sua sensibilidade vinha à tona, mais aguçada e requintada, em desacordo com o universo e a realidade na qual estava inserido.

Assim se abriu para Mendes a possibilidade de constituir outra identidade, que o afastasse da identidade criminosa tão valorizada anteriormente e a partir daí negada. Quanto mais lia, mais introspectivo e reflexivo se considerava, e profundas mudanças comportamentais começaram a diferenciá-lo dos outros companheiros, os que gostavam da carnificina na prisão, das brigas, enquanto Mendes sentia-se impelido a ajudar, socorrendo as vítimas: "Eu estava muito mais civilizado e não me importava mais com isso de ter nome e fama de bandido. Aliás, começara a perceber o quanto era melhor o anonimato, o sossego de não me importar com o que os outros pensavam de mim" (MENDES, 2005, p. 448). A sua relação com a leitura tornou-se cada vez mais intensa, ler se transformou no seu projeto de vida.

Em seu relato, Mendes afirma que, a partir do encontro com a leitura, já não precisava tanto de pessoas ou coisas, pois estava se acostumando a não se prender a nada nem a ninguém, mas **precisava** de livros: "Precisava era de livros. Eles me bastavam, **sempre me salvaram**, daí para a frente" (MENDES, 2005, p. 454. Grifos nossos). Claramente Mendes atribuiu à leitura uma função redentora, o que nos impele a apontar essa representação da leitura como uma possibilidade de análise. Essa função da leitura corroborou para a constituição da nova identidade pretendida pelo narrador, processada sob a tutela da diferença, pois esse leitor-escritor, aprisionado, afastou-se dos outros presos, negando-os e ao mesmo tempo negando alguns valores do submundo do crime, da vida bandida, tentando tornar-se outro ser.

Embora o autor tente negar esse passado criminoso, assumindo outra identidade, só lhe foi possível refletir sobre a sua existência tomando como mote exatamente essa vida que tenta negar e suas ações passadas. Somente retomando o passado, pôde reconstituir a sua história. O seu contato com a leitura permitiu-lhe aguçar a sua capacidade de reflexão, relendo e reinterpretando o mundo e também a si próprio. A leitura tornou-se o seu bote salva-vidas, para retirá-lo daquela situação em que se encontrava, como uma defesa aos inúmeros desafios que a vida no cárcere lhe impunha.

De acordo com Eliana Yunes, "ler é uma condição de sobrevivência. Aos homens que não leem, e não apenas o verbal, não é fácil sobreviver" (YUNES, 2003, p. 42). Luís Alberto Mendes sobreviveu, principalmente em função do uso que fez da leitura, tanto na larga acepção adotada por Yunes, quanto em sentido mais estrito, a leitura dos textos impressos, leitura de um vasto acervo literário que ele realizou como uma possibilidade de mudar de vida, de salvar-se, relendo e reescrevendo a própria história.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Márcia (Org.). Prefácio: percursos da leitura. In: **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

BARRETO, Sônia Régis. Modos de ler, modos de pensar: leitura e memória. In: **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MANGUEL, Albert. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENDES, Luís Alberto. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. "O olhar duplo e a função da escrita em *Memórias de um sobrevivente*". Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2007: São Paulo, SP - *Literatura, Artes, Saberes / Sandra Nitrini... et al.* - São Paulo: ABRALIC, 2007. e-book. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/54/639.pdf>. Acesso em: 20 nov. de 2007.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, Emmanuel *et alli*. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.